PIADAS CONTRA NEGROS: VIOLÊNCIA EM FORMA DE HUMOR

Paulo Sergio de Proenca [1], Paulo Sérgio de Proença [2]

RESUMO

A internet e as redes sociais em geral veiculam piadas contra negros. Elas são apenas uma forma de humor que deve ser aceita ou portam violência contra negros? É isso o que esta comunicação pretende analisar, a partir de perspectiva psicanalítica e linguística. A pesquisa tem estas características metodológicas: quanto aos objetivos é exploratória; é qualitativa quanto à abordagem; e, quanto aos procedimentos, adota a pesquisa bibliográfica. O apoio teórico é oferecido principalmente por Freud (Os chistes e sua relação com o inconsciente) e por Possenti (Os humores da língua), além de pesquisadores que falam do lugar social do negro, como por exemplo, Marco Aurélio Luz e Jaime Sodré. Resultados indicam que as piadas sempre se constituem em material ofensivo aos negros, desqualificando-os como seres humanos, tornando-se assim forma de violência simbólica, sob a proteção do contexto pragmático proporcionado pelas piadas, que acrescentam ganhos psíquicos de prazer, por superar interdições culturais ou legais.

Palavras-chave:

Piadas. Violência. Negros.

[1] UNILAB, Campus dos Malês, Docente, e-mail: pproenca@unilab.edu.brr
[2] UNILAB, Campus dos Malês, Docente, e-mail: pproenca@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

É comum, em círculos de descontração e intimidade, piadas serem contadas, com risada exigida por regras de boa convivência, e fruição de prazer psíquico. Nessas ocasiões, muito frequentemente, piadas contra negros vêm à tona. Essas trocas verbais indicam que há violência preconceituosa e que acha nas piadas veículo que supera as interdições sociais; o fenômeno foi estudado por Freud, que explica o fascínio que os chistes têm e o prazer que proporcionam.

Há significativa extensão histórica de violência contra negros. O tratamento desfavorável permanece, ainda, no senso comum, retratado nas piadas que circulam entre nós, como pretende demonstrar o pequeno mostruário analisado na última parte deste trabalho.

METODOLOGIA

Metodologia

A pesquisa adota como principal procedimento a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica vai se servir principalmente de Freud (Os chistes e sua relação com o inconsciente); no campo das ciências linguísticas, Sírio Possenti em Os humores da língua (1998) estuda piadas, que segundo esse autor, são dotadas de complexidade; outros autores, como Fernandes e Monteiro (2014), Luz (2011) e Sodré (2011) se atêm à inserção do negro na cultura brasileira, com os contrastes, dramas e dilemas que disse se desdobram. Além da pesquisa bibliográfica será colhido exemplário de piadas contra negros na internet.

Princípios teóricos

A fundamentação teórica se aterá a autores das ciências humanas, que desenvolvem princípios para a explicação dos fenômenos relacionados ao uso da linguagem para a finalidade que têm os chistes, na terminologia de freudiana. De fato, para Freud, as interdições da civilização se fazem sentir com intensidade no controle sobre o ato de "falar" (que pode ser expandido até o "pensar"). Há tendência à repressão à fala espontânea do dia a dia. Em Os chistes e sua relação com o inconsciente, Freud os relaciona ao mecanismo psíquico; os chistes vinculam-se a obstáculos interpostos pela civilização, cuja remoção provoca prazer.

O chiste pode ter um fim em si mesmo (inocente) ou ter um fim tendencioso. O chiste tendencioso pode servir a dois propósitos: ou é um chiste hostil (tem o propósito de agressividade, sátira ou defesa) ou um chiste obsceno (propósito de desnudamento).

O papel desempenhado pelos chistes hostis não é desprezível. Desde nossa infância individual (e desde a infância da civilização), os impulsos hostis contra o nosso próximo foram se sujeitando a progressiva repressão: "A hostilidade brutal, proibida por lei, foi substituída pela invectiva verbal"[1].

Já que somos obrigados a renunciar à hostilidade, desenvolvemos técnicas para tornar o inimigo inferior, desprezível ou cômico; assim, conseguimos o prazer de vencê-lo. Um chiste permite explorar no inimigo o (suposto) ridículo que não poderíamos expor abertamente; evita restrições e abre fontes de prazer. Há um suborno do ouvinte, que acaba se alinhando sem detida investigação. Pelo chiste um insulto pode ser vingado; os chistes tendenciosos podem servir à crítica contra pessoas que exercem autoridade[2].

Disso resulta um efeito de prazer, explicado a partir dos chistes tendenciosos. O elemento que produz prazer é aquele a cuja satisfação se opõe algum obstáculo externo contornado pelo chiste.

Possenti, por sua vez, reconhece poderoso elemento das piadas na ambiguidade, no que concorda com Freud. Mas aponta outras características: o valor pragmático em que se enunciam[3]; a autoria; a intertextualidade e a interdiscursividade implícitas nelas; os mecanismos de leitura presentes no processo de interpretação de piadas; elementos de linguística textual (coerência e seus mecanismos); a ideologia presente na enunciação de piadas. Percebe-se que, por esses aspectos, de fato, trata-se de um fenômeno complexo e amplo.

Uma piada não se caracteriza pela exatidão de dados nem pela lógica (embora tais elementos possam figurar estruturalmente numa piada). Para Possenti (1998, p. 146), "muitas piadas não funcionariam, aliás, se os ouvintes aplicassem regras rigorosas de interpretação aos detalhes dos textos. É que, para o inconsciente, o que é parecido passa por igual. Não fosse assim, o inconsciente não seria o que é, seria o lugar da minuciosa

e exigente lógica".

Piadas contra negros se inserem no panorama histórico de construção da imagem negativa do negro. Desde o séc. XV o Ocidente se dirigiu à África para colonizar, converter e escravizar. A África era o continente da idolatria: "os africanos não poderiam ser vistos como homens, pois não eram considerados descendentes de Adão" (SODRÉ, 2011, p. 32). Os jesuítas consideravam a religião dos indígenas e dos negros aberrações satânicas.

Essa repressão se perenizou na história, para dominação ideológica: "houve muitas ações repressivas que chegaram à República e seguiram avante, construindo bases sólidas para os estereótipos e preconceitos alimentadores das representações negativas" (SODRÉ, 2011, p. 43). Esse saldo funesto ainda hoje existe, não mais em sinais explícitos institucionalizados, mas em trocas interpessoais marcadas por atos de violência simbólica, como é o caso das piadas.

Piadas sobre negros têm forte apoio no senso comum, que se fundamenta nas representações sociais, nas quais se encontra o repertório privilegiado de elementos culturais que dirigem nossas ações cotidianas. Representação é "fenômeno dinâmico, num processo permanente de reorganização, sendo simultaneamente condição e produto social [...] As representações não só enriquecem ideias previamente formadas, mas contribuem para formá-las" (SODRÉ, 2011, p. 78).

Piadas são difusores privilegiados de representações, principalmente no imediato das relações interpessoais, aparecendo como descontração despretensiosa; elas reproduzem o senso comum, reforçando a negatividade em relação ao negro, no que conta com apoito tácito das instituições e as bênçãos da religião.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise de algumas piadas, discussão e resultados

Este exemplário não é extenso, embora seja representativo para ideias e reivindicações contidas neste trabalho. Foram extraídas da internet, e isso retrata a ampla circulação que têm, nas redes sociais. É apresentada classificação do material coletado, por agrupamento temático. Esse esforço apenas faz convergir, ainda que de forma aleatória, temas que podem ser extraídos das piadas, sempre em subordinação à centralidade da violência contra os negros.

Vejamos o primeiro grupo de piadas, que pintam os negros como bandidos.

- Quando é que um preto anda de carro?[4]
- Quando vai preso.
- Porque é que o preto não pode ficar parado nas esquinas?
- Porque preto parado é suspeito.

A técnica empregada é própria dos chistes no que diz respeito à brevidade. A surpresa, de que decorre o prazer psíquico, pode ser atenuada quando o interlocutor já sabe previamente que se trata de piadas contra negros, embora haja, em cada nova ocorrência, fruição de prazer, segundo Freud, principalmente no que diz respeito à finalidade das piadas: a agressividade. Ainda quanto á técnica, é interessante observar que são construídas no esquema de pergunta e resposta, empregada nos catecismos religiosos. Se esse parentesco técnico-formal procede, a amplitude de impregnação, na mente do ouvinte ou do leitor, aumenta consideravelmente, sobretudo dos que passaram por processo catequético. As perguntas são formuladas para indução da resposta e, quem responde tem autoridade socialmente sancionada para isso. As respostas ficam sedimentadas na mente de todos, reforçadas pelo processo de repetição das piadas e pela projeção da forte carga de verdade que envolve esse processo.

O tema dessas piadas se delimita por termos que pertencem ao percurso isotópico do crime: suspeito, ladrão, preso. E por aí vai. Não é de hoje que essa percepção vitimiza os negros, como se a cor negra da pele, por si mesma, fosse testemunha de desvios morais.

Esse olhar de rejeição e condenação pode ser percebido em outro grupo de piadas que não se relacionam diretamente a um boletim de ocorrências policial, mas servem, também, para a desqualificação dos negros.

- Quando é que um preto come carne?
- Quando morde a língua.

-Porque é que o preto gosta de ser crente?

- Para poder chamar irmão ao branco.
-Porque é que o preto vai à escola?
-Quando está a construí-la.
-Quando é que o preto toma banho?
-Quando chove.
-Porque é que o mundo é redondo?
- Para o preto não cagar nos cantos.
-Quando é que um preto é bonito?
- Quando chega atrasado ao serviço e o patrão diz: Bonito, hein!?
- Por que não tem vidente na África?
- Porque preto não tem futuro

O negro é retratado como feio, pobre (não come carne), como trabalhador é desqualificado[5], é incivilizado (não toma banho, caga pelos cantos), sem futuro. Esses aspectos, igualmente, participam dos estereótipos com que os negros sempre foram retratados. Também nesse grupo predomina a técnica da brevidade (que favorece a memorização e aumenta a recompensa psíquica) e da pergunta-resposta (que reforça a catequese).

Essa desqualificação é ainda mais agressiva em outras piadas, por associarem os negros ao que é considerada a maior degradação: excrementos.

- Qual é a diferença entre um preto e uma latinha de merda?
- A latinha.
- Porque é que o caixão do preto só tem duas alças?
- Já alguma vez viram caixote do lixo com quatro?
- Porque é que o caixão do preto tem buraquinhos?
- Para os vermes poderem vomitar.
-O que acontece se um preto cair num monte de bosta?
- Aumenta o monte.

A que os negros são associados, agora? À merda, ao lixo; os vermes, quando comem suas carnes, precisam vomitar... Piadas como essas representam o máximo da degradação que se pode atribuir a uma pessoa ou a um grupo. E, assim, os negros merecem morrer – devem morrer...

CONCLUSÕES

As piadas, de fato, constituem-se recurso alternativo para canalizar violência histórica contra os negros, de forma socialmente aceitável, com ganhos psíquicos de prazer. Elas dão continuidade ao processo histórico de que os negros são vítimas; se a violência física não é mais tolerada (pelo menos no discurso legal), as piadas canalizam a agressividade para o campo da violência simbólica.

É preciso lutar contra todas as formas de agressão direcionadas a negros. Mais: é preciso lutar contra qualquer forma de violência, física ou simbólica, dirigida a outros grupos étnicos ou minoritários, também vítimas de discriminação. Segundo Sodré, "[...] as reformulações de ideias e preconceitos só poderão sofrer alteração concreta se os agentes formadores de consciência e opinião [...] se integrarem nessa tarefa, e para isso a pressão social é fundamental" (2011, p. 78).

Assim, construiremos um mundo mais humano. Esse é o compromisso que deve nos motivar.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não contou com incentivo de nenhuma agência de fomento.

Contou, sim, com a permanente motivação que a Unilab oferece, nos diversos desafios que a vivência de seu cotidiano apresenta.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Gustavo; MONTEIRO, Fernando. Violência racial: a tentativa de redução do ser negro. Disponível em: http://www.ceert.org.br/acontece/noticia.php?id=4758. Acesso em 9 jul 2014.
FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago [edição eletrônica], s/d.
LUZ, Marco Aurélio. Cultura negra e ideologia do recalque. Salvador; Rio de Janeiro: Edufba; Pallas, 2011.
POSSENTI, Sírio. Os humores da língua. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
SODRÉ, Jaime. Da diabolização à divinização: a criação do senso comum. Salvador: Edufba, 2011.

Sites de onde foram extraídas as piadas
http://z6.invisionfree.com/Toskenha_Games/ar/t1546.htm. Acesso em: 10 ago 2018.
http://piadistasdeplantao.no.comunidades.net/index.php?pagina=1181972127. Acesso em: 20 ago 2014.
http://hebreu-suburbano.blogspot.com.br/2011/01/piadas-racista-sobre-pretos-e-pra-ser.html. Acesso em: 12 ago 2018.
http://clubeinsonias.no.sapo.pt/pretos.htm. Acesso em: 20 jun. 2014.